

Má semente

Contos de amor na pós-modernidade

Rômulo Maciel de Moraes Filho

1ª Edição

Compose Edições Literárias
Olinda – Pernambuco – Brasil

2020

Copyright © 2019.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei Nº 9.610, de 19/02/1998.
Você não pode copiar, exibir, distribuir, executar, criar obras derivadas nem
fazer uso comercial desta obra sem a devida permissão do autor.

Email: romulommfilho@yahoo.com.br

IG: @polluxdsc

Diagramação: Rômulo Maciel de Moraes Filho

Capa: Rômulo Maciel de Moraes Filho

Edição Final: Rômulo Maciel de Moraes Filho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F639m

Filho, Rômulo Maciel de Moraes.

Má semente - contos de amor na pós-modernidade / Rômulo
Maciel de Moraes Filho. - Olinda (PE) : Compose Edições Literárias, 2020.

230 p. : 14 x 21 cm

ISBN: 978-85-69596-63-9

1. Literatura brasileira - Contos. I. Título.

CDD-B869

Compose Edições Literárias.

e-mail: composeedicoes@gmail.com

Rua Paraguassu, 01

Cidade Tabajara – Olinda – PE – CEP 53350-110

Tel: (81) 988636890

CNPJ: 31.871.251/0001-75

Editor: Xavier de Barros

Dedico este livro ao meu fígado, por ter sido infinitamente paciente comigo.

Apresentação

Sexo, traições e sarcasmo, são pormenores que recheiam os contos desta obra. Em *Má Semente*, o autor se desfaz dos valores sociais, em histórias que misturam ficção e autobiografia, e que expõem a crueza das relações amorosas pós-modernas, às vezes vividas em primeira pessoa, ou apenas vistas de longe. A obra em si é dual e provocativa, quando mostra a fragilidade dessas relações, ao mesmo tempo em que louva a libertação, diante da sociedade e suas regras. Assim, o ficcionismo destas páginas se equipara em muito à vida secreta cotidiana que muitos escondem por detrás de falsos valores e moralidades.

Má Semente é o primeiro livro de contos de Rômulo M. Moraes Filho.

Prefácio

A paixão pelo complexo e fascinante universo feminino, a profunda relação que envolve a filosofia e a vida real, e a incessante busca por sua compreensão, fazem dessa obra uma coletânea de cartas ao passado, escritas em noites de boêmia e insônia. Dúvidas e dádivas, explícitas nas ações experimentadas e narradas pelo autor em contos que proporcionam ao leitor um verdadeiro e intenso orgasmo poético.

A Má Semente, “plantada” de forma sutil, nos permite conhecer um pouco desse jogo de sedução e poder, que mais parece uma tragicomédia da vida não tão privada de um estudante universitário e suas aventuras profanas, protagonizadas por mulheres de diferentes personalidades e destinos, gerenciados pelo autocontrole e pela libertinagem de uma mente curiosa e criativa – e bem geminiana – como a de Rômulo Moraes.

A obra em si é dual e provocativa, quando mostra a fragilidade das relações modernas, ao mesmo tempo em que louva a libertação, diante da sociedade e suas regras; uma transgressão literária, onde o Eu lírico e o coadjuvante, assumem personalidades difusas diante do divã do poeta, às vezes com vinho e às vezes com Coca cola.

Uma obra que sustenta o leitor desde a ambiguidade do título ao desenrolar de seus atos, que começam com conversas triviais, encontros casuais, e nos leva ao mais profundo e obscuro lado do encontro furtivo, sem pecados, sem leis, onde quem manda é a magia do momento e nunca, nunca a razão comedida. Embora seja tão atual e cotidiano, também traz um pouco da nostalgia e o

prazer de uma leitura, daquelas que nos lembra dos antigos pasquins.

Imagine aí, uma mesa, uma taça de vinho e se entregue a esse prazer. Plante a Má Semente dessa história na sua mente.

Aninha Barbosa
Bruxxanna, a Feiticeira da Poesia.
28 de Janeiro de 2020
Recife-PE

Sumário

Péssimo com despedidas	10
Praticidade	14
Estranho.....	24
Sem arrependimentos.....	27
Maritza.....	31
Yoko	36
Fora de lugar.....	43
Círculos	47
Às vezes o barato sai mais caro	78
Os pés de Jaqueline	86
Bella	93
Voyeur.....	96
Suzana.....	103
Depois das 23h.....	107
Ruth	110
Porta entreaberta.....	112
Inevitabilidades	115
Cúmplice	121
Bondage.....	124
Gás	131
Noir.....	135
Uma noite sem Marie.....	138
Um dia como outro qualquer.....	141
Aniversário.....	145
Paraíso	150
Causalidade	154
Psicodélico	164
Uma carta miúda.....	170
Alternativo	173

Estilo.....	177
Flores e Fotos.....	179
Secrets.....	184
Uma noite no passado.....	187
Um puta cara de sorte.....	190
Hospício a dois.....	195
Mergulho.....	198
Silêncios.....	201
Terei eu sido emasculado?.....	207
Samara.....	209
Um erro.....	212
Uma história sem nome.....	215

Péssimo com despedidas

G. saiu do banheiro montada nas minhas sandálias, de um jeito que era quase cômico. Os seus pés de número 35, pareciam ainda menores sobre minhas sandálias número 43, e ela andava como uma criança que tentava fingir ser adulta. E isso tudo por que ela odiava andar descalça, ainda mais na casa dos outros. E tendo esse tipo de mania, eu me perguntava como ela suportava andar no meio da minha bagunça, nem que fosse por algumas poucas horas.

- Eu vou embora – Ela disse.

- Para onde você vai?

- Vou voltar pro meu marido.

- Certo.

- O que foi?

- Imaginei que você não fosse ficar muito tempo por aqui.

Mas nunca pensei que você fosse voltar pro seu marido.

- Não queira dizer como eu devo viver minha vida.

- Eu não estou dizendo nada. Só me surpreendi.

- É por que você acha que sabe tudo que precisa saber... sempre.

- Bem. Eu sei o que você me disse.

- Pois é.

- Pois é.

G. largou as sandálias e se sentou na minha cama.

- Você está decepcionado, não é?
- Estou um pouco.
- O que você esperava?
- Eu não esperava muita coisa. Mas achei que seria diferente.
- Veja só. Você é um cara massa. É uma boa foda. Tem uma boa conversa. Mas tenho certeza que no fundo você sabe que isso entre a gente não iria durar.
- Eu não estava pensando nisso.
- E no que estava pensando?
- Que você engole muita merda pra estar nesse relacionamento. Não parece certo.
- E quem é você pra dizer o que é certo ou não? Sou eu que sei o que é certo pra mim. E mesmo que eu estivesse enganada, a escolha é só minha.
- Ok. Não precisamos entrar nesse mérito.
- Que bom... Eu realmente não queria ter que entrar mesmo.

Ela começou a juntar as roupas e entulhar dentro da mochila e eu me levantei da cama e fui até o banheiro. Fechei a porta e liguei o chuveiro. Deixei a água correndo e encarei meu reflexo no espelho, tentando segurar minhas lágrimas e minhas frustrações. Não seria dessa vez que eu pediria que ela ficasse.

Desisti de tentar segurar o choro, enfiei a cabeça debaixo do chuveiro e deixei que minha raiva escorresse.

Não sei quanto tempo se passou, mas eventualmente desliguei a água e enxuguei minha cabeça com uma toalha.

Quando voltei ao quarto, G. já estava vestida e com a mochila nas costas.

- Vou pedir um *Uber* – Ela disse.

- Tudo bem.

- Por favor, não leva pra o lado pessoal. Não tem nada a ver com você.

Fiquei com os olhos cravados nos meus próprios pés, tentando manter as palavras dentro da minha boca, mas enfim deixei que tudo escorresse pra fora, como se fosse um tipo de vômito.

- Porra! Você sempre foi minha amiga. Minha melhor amiga. E eu me acostumei a ter a sua presença na minha vida. Até que você caiu na minha cama, e eu acho que caímos um dentro do outro. Mas aí, por algum motivo que eu desconheço você deixou de ser quem era pra ser alguma coisa que eu não reconhecia. Tá. Eu posso ser um cuzão do caralho com minhas ausências. Mas eu nunca sumi por tanto tempo como você fez. Como você está fazendo. E nunca me importou que você estivesse com outra pessoa, desde que eu pudesse ouvir tua voz de vez em quando.

G. ficou calada e guardou o celular no bolso.

- Era justamente esse tipo de coisa que eu não queria ter que discutir.

- Você não precisa dizer nada. Pede teu *Uber* e vai que está tudo certo.

- Você é um péssimo mentiroso.
- Você é pior. Só que é mais teimosa.
- Sou.
- Pois é.

G. sacou novamente o celular e começou a digitar.

Eu me sentei na cama e comecei a folhear um livro que ela havia me dado. *Hollywood*, de Bukowski. O que tinha sido um presente bem apropriado, afinal, tinha sido ela que me apresentara o escritor, quando nos conhecemos.

Não se passou um minuto até que ela dissesse.

- O *Uber* chegou. Ele estava aqui perto.
- Tirei a chave do bolso e entreguei a ela.
- Joga na escada quando sair.
- Ok. – Ela disse, pegando a chave e desaparecendo atrás da porta.

Foi melhor assim, enfim.

Eu sempre fui péssimo com despedidas.

Praticidade

Eu tinha acabado de chegar ao centro da cidade, mas já me sentia sufocado como se minha cabeça estivesse dentro de um saco plástico. Respirei fundo e segui pela calçada me desviando das pessoas e dos vendedores ambulantes até que chegasse a entrada do prédio que era meu destino. O porteiro me deixou subir e tomei o elevador, que por sorte estava vazio. Apertei o número 16 e o aparelho começou a subir. Não demorou e o elevador se abriu novamente. Saí e dei de cara com um corredor vazio e mal iluminado. Andei até a primeira porta e toquei a cigarra.

A porta era automática e se abriu sozinha. Entrei e vi algumas pessoas sentadas em uma série de cadeiras acolchoadas. Fui até a secretária que estava sentada atrás de uma mesinha com um computador.

- Vim para uma consulta com o Doutor Dimas.

- Ele atende por ordem de chegada. Qual o seu nome?

Entreguei o meu RG para a moça, e ela conferiu meu nome e digitou algo no computador.

- Pode se sentar e esperar tem três pessoas na sua frente. –
Continuou.

- Será que vai demorar muito?

- De uma hora e meia a duas horas. – Ela respondeu mecanicamente, e estendeu a mão para devolver o meu documento.

- Ok. – Respondi.

Andei até as cadeiras e me sentei distante das outras pessoas. Depois de meia hora de espera uma das pacientes se levantou, e parou na minha frente. Ela parecia estar perto dos quarenta anos. Era alta e magra, e tinha os cabelos mais escuros que eu já tinha visto.

- Você tem um cigarro? – Perguntou-me.

- Tenho sim. – Respondi. Retirando a carteira de cigarros do bolso e lhe entregando um.

- Obrigado. Você salvou a minha vida.

- Não foi nada.

- Vou lá fora fumar. Você não quer vir? Não vão nos chamar nem tão cedo.

- Tudo bem.

Me levantei e segui com ela para o corredor. Havia uma janela perto dos extintores de incêndio. Abrimos e ela acendeu o seu cigarro, depois me passou o isqueiro e eu acendi o meu.

Fumei calado. Mas ela parecia ansiosa demais para ficar parada.

- Odeio esperar. – Falou-me.

- Às vezes é um exercício de paciência.

- Não tenho muita hoje em dia. Mas perdi a hora pra a consulta.

- É a minha primeira vez. E eu não sabia que era por ordem de chegada.

- Ah. Essa secretária é cheia de má vontade. Nunca explica nada direito.

- Mas tudo bem. Eu não tenho nada melhor pra fazer mesmo.

- Acho que qualquer coisa é melhor do que ficar esperando em fila de psiquiatra.

- Verdade.

- Me desculpa perguntar, mas por que você está aqui?

- Aparentemente eu preciso lidar algumas coisas que aconteceram no passado.

- Quem lhe disse isso?

- Várias pessoas. Cada uma de uma forma diferente.

- Eu não costumo levar em consideração o que dizem sobre mim. No fim das contas ninguém me conhece o suficiente pra meter o bedelho na minha vida.

- Faz sentido. Mas e você? Por que está aqui?

- Eu venho mais pelos remédios mesmo. E pra lidar com a ansiedade que desenvolvi.

- Entendo.

- Ansiedade é uma merda. Mas eu estou quase me acostumando.

- Não acho que seja algo que você precise se acostumar.

- Eu sei. Mas é melhor do que viver anestesiada.

- Deve ser.

- Você não quer sair daqui? Não estou afim de esperar uma hora pelo mesmo blablabla de sempre.

- Pode ser. Pra onde você quer ir? - Perguntei.

Eu realmente não me sentia disposto a esperar todo esse tempo pela consulta. E a verdade é que eu não achava que precisasse daquilo. Então a sugestão me soou como mais do que adequada.

- Podemos ir para um bar aqui perto, tomar um chopp.
- Eu topo. Mas como é o seu nome mesmo?
- Elisa. E o seu?
- Rômulo.
- Diferente.
- O que?
- O seu nome.
- Não é nem tão diferente assim.

Ela sorriu e apagou o cigarro na mureta da janela.

- Vamos?
- Vamos.

Ela andou na frente até o elevador e apertou o botão.

Descemos e eu segui andando do lado dela até chegarmos ao bar.

Ela cumprimentou o garçom, e sentou-se numa mesa perto da entrada.

- Dois *chopp*s e uma carteira de *malboro* vermelho. – Pediu.

O garçom assentiu com a cabeça e nós dois sentamos.

- Eu gosto muito daqui – Ela disse.
- Parece legal.
- É sim. Tem muita gente boêmia que vem aqui. Alguns artistas locais. Às vezes eles começam a recitar poesia ou tocar violão. É bem atrativo.
- Você vem muito aqui?
- Costumava vir mais, com meu ex-marido.
- Você é separada?
- Vai fazer dois anos.
- Sinto muito.

- E por que sentiria?
- Sei lá. Só não sei muito bem o que dizer.
- Não precisa dizer nada, moço. Essas coisas acontecem.
- Acho que sim... Foi sua a iniciativa da separação?
- Foi algo mútuo. No fim das contas nosso casamento não fazia sentido nenhum.
- Por quê?
- Eu descobri que meu marido gostava de sair com travestis.
- Sério? – Perguntei incrédulo.
- Sim. Pagava para os travestis comerem ele. Até que um deles tentou chantageá-lo e ele me confessou.
- Deve ter sido horrível lidar com esse tipo de coisa.
- Não exatamente.
- Mas você foi traída.
- Veja só. Eu não vejo meu ex-marido como culpado disso tudo... o pobre... Ele sempre foi gay. Mas os pais dele eram extremamente homofóbicos. Meu ex-sogro era militar inclusive... o pior dos tipos. Eu chego a ter pena do meu ex-marido, por ter tido que viver uma vida de fachada pra agradar os outros. Hoje ele está muito bem fora do armário. Enfim. Muito mais feliz do que quando estava comigo.
- Não sei o que dizer.
- Quase ninguém sabe.

O garçom chegou com os cigarros e com os *chopp*s.

- Muito obrigado, meu bem. – Elisa disse. E rapidamente deu um gole da bebida.

Tomei um gole da minha e fiquei calado, olhando para ela.

- E você. Qual a sua história?

- Eu tenho dificuldade em deixar o meu passado para trás.

- Que tipo de passado?

- Traições. Quebras de confianças... dentro de relacionamentos.

- É comum hoje em dia. Mas por que você iria querer deixar esse passado para trás?

- É o que todo mundo diz pra fazer.

- Todo mundo não sabe de nada. Ninguém sabe de porra nenhuma. E a única pessoa que sabe o peso que você carrega é você mesmo.

- Eu sei. Mas acho que todo esse passado não me faz bem.

- Mas não é uma questão de deixar o passado pra trás. Ou esquecer o passado. Mas é não deixar que ele afete o seu presente.

- Então eu acho que o meu problema é exatamente esse.

- E você acha que um psiquiatra vai resolver o seu problema?

- É o que dizem.

- Bem. Ele vai enfiar um tanto de remédios na sua cabeça, à ponto de você ficar sem sentir muita coisa. E aí depois que você estiver suficientemente castrado, ele vai reduzir as doses, pra que as coisas pareçam mais normais pra você. Teu caso é mais pra um psicólogo do que pra um psiquiatra. E infelizmente, hoje em dia, os psiquiatras acham que podem resolver tudo à base do remédio.

- Você parece estar bem por dentro do assunto.

- Eu sou psicóloga, meu bem.
- Deve ser por isso.

Elisa sorriu e acendeu um cigarro.

- As coisas são mais simples do que parecem, às vezes. Mas as pessoas preferem tomar um remédio pra resolver um problema, do que de fato enfrentar o problema.

- Mesmo assim você disse que estava indo ao psiquiatra por causa dos remédios.

- Por que no ponto que eu cheguei, quando vem uma crise de ansiedade, o melhor que eu faço é me anestesiarmos por um dia ou dois, do que sair por aí, correndo pelada.

- Pelada?

- Sim. Já aconteceu. Mas faz um tempo. Hoje eu estou sob controle.

- Que bom.

Elisa sorriu e esvaziou o que restava do copo de *chopp* num gole só. Fez sinal para o garçom pedindo outro e voltou a me olhar.

- Você é solteiro?

- Sou. Não me sinto bem pra estar com ninguém.

- Eu também. Mas para isso que eu tenho os meus garotos.

- Como assim?

- Eu não sou celibatária, meu bem. Eu gosto demais de sexo para viver sem. Apesar de que eu não quero estar em um relacionamento. E não tenho paciência para lances casuais. Então sendo bem objetiva, eu procuro alguns rapazes que me dão

exatamente o que eu preciso e não me cobram nada mais do que eu posso dar.

- Garotos de programa?

- Michês. Garotos de programa, acompanhantes... o nome não importa.

- E você se sente à vontade?

- Por que não me sentiria?

- Sei lá. Não é algo muito comum.

- É mais comum do que você imagina. Se as mulheres deixassem o falso moralismo de lado, seria tão normal quanto quando um homem faz.

- Acho que você está certa.

- Mas eu também saio com homens fora desse contexto. Pra mim é só uma questão de praticidade.

- Você parece ser uma pessoa bem objetiva mesmo.

- A vida faz dessas coisas com a gente.

- Queria ser um pouco mais assim.

Elisa sorriu e voltou a bebericar do *chopp*. Ela era uma mulher atraente e sabia se expressar. O tipo de coisa que me tirava do eixo. Sabia exatamente o que estava falando e fazendo e não parecia ser o tipo de pessoa que perdia tempo com nada. Por alguns momentos eu achei que ela estivesse flertando comigo, mas não dava pra saber ao certo. Talvez por isso eu não conseguisse desviar o olhar dos olhos dela. Do outro lado, Elisa parecia estar se divertindo com a situação e assim continuamos bebendo. Depois de um tempo encarando o copo de bebida, ela quebrou o silêncio.

- Somos todos escravos das nossas urgências, você sabia? –
Ela perguntou.

- Como assim?

- Somos escravos dos nossos desejos, das nossas vontades,
das nossas ansiedades.

- Você acha?

- Quando foi a última vez que você se negou algo que
queria muito, mas que estava ao seu alcance?

- Não sei.

- Pois então pense mais sobre isso, e da próxima vez que
nos encontrarmos você me responde.

- Tudo bem. – Respondi, sem saber se realmente íamos
nos encontrar de novo.

- Então. Eu preciso ir.

- Certo. Está ficando tarde mesmo.

- Tenho algo marcado pra hoje a noite. Mas se você quiser,
podemos nos ver outro dia. Num contexto mais agradável.

- O que você tem em mente?

- Bem. Você pode me ligar e aí nós pensamos em algo.

Ela tirou uma caneta da bolsa e escreveu um número de telefone
num guardanapo de papel. Peguei o papel e guardei no bolso, e ela
abriu um sorriso jovial. Ela realmente parecia ser uma mulher de
muitos sorrisos.

- Tá aqui minha parte da conta. Se sobrar algo dá pro
garçom.

Ela deixou trinta reais sobre a mesa e se levantou.